

Mundo como depósito – uma abordagem heideggeriana

Itamar Soares Veiga
inpesquisa@yahoo.com.br
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil

Marcelo Lucas Cesco
marcelocesco@gmail.com
Doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo: Este artigo tem como foco a influência e o domínio da tecnologia no nosso mundo atual. Através de um acompanhamento da reflexão de Heidegger sobre a técnica, buscamos responder a seguinte questão: o mundo, tomado como subsistência, é ele próprio o resultado de uma visão de mundo? Para alcançar uma resposta, primeiramente interrogamos os delineamentos de mundos, a partir do tema das visões de mundo. Encontramos, assim, o tema da postura humana enquanto elemento principal. Em segundo lugar, acompanhamos a crítica de Heidegger à ciência moderna e à técnica, na qual constatamos uma ambiguidade fundamental na postura da Serenidade (Gelassenheit). Diante desse contexto, a resposta para o questionamento principal é afirmativa: o mundo enquanto subsistência é o resultado de uma visão de mundo. Contudo, uma inevitável participação do homem na atividade de “armazenamento”, conduz a uma esperança de reversão no processo de dominação da técnica.

Palavras-chave: técnica; subsistência; armação; Heidegger; armazenamento; postura humana.

Abstract: This article focuses on the influence and dominance of technique in our world today. By an incursion in Heidegger's reflection on technique, we seek to answer the following question: is the world itself, taken as subsistence, the result of a worldview? To reach an answer, first, we question the outlining of worlds from the matter of worldviews. We find thus the theme of human posture as the main element. Secondly, we follow Heidegger's critique of modern science and technique, where we see a fundamental ambiguity in the position of Serenity (Gelassenheit). In this context, the answer to the main question is affirmative: the world as subsistence is the result of a worldview. However, an inevitable human participation in the activity of “storage” leads to a hope of reversing technique's domination process.

Keywords: technique; subsistence; enframing; Heidegger; storage; human posture.

A palavra *mundo* representa algo, ou ainda, tem um significado muito particular. A sua compreensão sempre está associada com algum conceito ou com um tema, o que significa um entrelaçamento entre um e mais conceitos. Portanto, o que vem representar ou significar a palavra *mundo* não é, por si, evidente nem mesmo simples¹. Se for correto o que dissemos antes, que a compreensão dessa palavra sempre está associada a algo, então é plausível pensar a palavra *mundo* como *campo* ou horizonte ou, enfim, como um receptáculo para uma futura associação.

Assim, pode-se dizer que *mundo* é um daqueles temas da História da Filosofia, ao qual se associam diferentes abordagens, mas quase nenhuma delas tem o intuito de esclarecer o que é ele próprio. Essas diferentes abordagens assumem e realizam um deslocamento. Tal deslocamento, de forma mais detalhada, não pode ser apresentado homogeneamente e, mesmo, as tentativas de apresentação, dentro das



diversidades no âmbito filosófico a respeito do mundo, são um tanto quanto gerais e macroscópicas. Um exemplo disso é a comparação possível e ampla de diferentes deslocamentos, a partir de duas abordagens, como a diferença entre a investigação ontológica do mundo e as visões de mundo. A primeira pretende expor coerentemente uma estrutura geral que seja uma explicação da totalidade *do que é* o mundo, e a segunda pretende uma perspectiva relativizada do mundo, a partir de um ponto específico, acrescentando, nesse caso, uma posição que lhe é inerente.

Um comentário pode ser registrado a respeito da comparação entre as abordagens ontológica e a das visões de mundo: ao passo que uma busca explicar a totalidade do mundo, a outra permanece perspectivada. Além disso, as visões de mundo tendem a absolutizar o seu ponto de vista. Isto pode ser visto na análise de Mannheim² sobre a política e a ideologia dos partidos fascistas. Em uma comparação a respeito dessas duas instâncias filosóficas, confrontadas com o mundo, podemos dizer que há uma explicação que não precisa se posicionar, porque é total, e uma outra explicação que sempre se posiciona, porque é parcial. Mesmo nessa última encontram-se, eventualmente, pretensões injustificadas de absolutização. Finalmente, pode-se dizer que as visões de mundo estabelecem uma posição de origem, a partir da qual se desenvolvem e se conformam como parciais.

A nossa investigação sobre o tema do mundo será realizada dentro de um horizonte de pesquisa da filosofia de Heidegger. Isto significa a incorporação dos conceitos desse autor, mais precisamente, da sua análise sobre a técnica, na qual também outros temas podem ser incluídos, como o de provocação do homem e mundo como subsistência (*Bestand*). De imediato, *subsistência* significa o resultado da ação da técnica sobre os entes, transformando-os no que é posto à disposição:

Mas, que tipo de descobrimento é próprio do que vem à luz através do pôr desafiante? Por toda parte ele é requerido, para ficar posto imediatamente para um pôr e, na verdade, numa tal disposição, para novamente ser passível de encomenda para uma encomenda ulterior. O que assim é invocado tem sua própria posição. Nomeamos essa posição de subsistência [*Bestand*]. A palavra significa aqui algo bem mais essencial do que somente “previsão”. A palavra “subsistência” eleva-se agora à categoria de título. Ela significa nada menos do que o modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar desafiante se essencializa. Aquilo que subsiste no sentido da subsistência não nos está mais colocado diante de nós como um objeto. (HEIDEGGER, 1997, p. 61).

A passagem acima possui vários conceitos que serão esclarecidos na segunda parte deste artigo. Destacamos, entretanto, a última frase, que diz que aquilo que é colocado como subsistência não é mais um objeto. Porque, nessa passagem, é uma irrupção do novo e do que deve ser pensado em um contexto de destino. Destino esse que é o da filosofia ocidental e, também, o da ciência, culminando nos últimos séculos na técnica enquanto dominação. Nesse novo contexto da dominação pela técnica, o homem não é mais o sujeito que conhece o objeto, rompe-se essa relação no constante requerer da técnica³ sobre todos os entes. Um requerer que busca a subsistência através do constante armazenamento (depósito) de recursos, pronto para o uso, como um avião na pista de decolagem.

Cabe dizer que essa ação da técnica é uma forma de descobrimento do ente, que é um desabrigar. Mas, segundo Heidegger, trata-se de um *desabrigar* diferente do desabrigar originário do próprio contexto da palavra grega: *techné*. Esta palavra estava vinculada ao descobrimento do ente que não se “produz por si mesmo”, portanto era uma forma do *aletheunein*, vinculada a *poiesis* e paralela à *episteme*. Contudo, na época atual, Heidegger detalha o descobrimento da técnica dessa forma:

O desabrigar que domina a técnica moderna, no entanto, não se desdobra num levar à frente no sentido da *poiesis*. O desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal. (HEIDEGGER, 1997, p. 57).

Esse contexto atual da técnica será direcionado para o nosso estudo sobre o mundo enquanto elemento amplo. Um elemento, com o qual contam, mesmo que implicitamente, todas as concepções filosóficas⁴. O estudo sobre o mundo neste artigo tem como foco a crítica de Heidegger à técnica, e sua abordagem que conduz à compreensão do mundo como “armazenamento”. Diante dos principais elementos desse quadro, podemos anunciar a pergunta condutora de nossa pesquisa: o mundo, tomado como subsistência, é ele próprio o resultado de uma visão de mundo?



Essa pergunta explora a influência do problema das visões de mundo. As visões de mundo, ao entrarem no âmbito filosófico, como cenário de fundo, a partir do qual nasceram várias reflexões filosóficas do século XX, constituem um outro problema importante e complexo na filosofia. No entanto, a associação desse tema, sobre as visões de mundo, com o tema do mundo como subsistência pode sugerir uma resposta rápida para a nossa pergunta mais acima. Essa resposta seria a de que *sim*, o mundo tomado como subsistência é um produto interno de uma visão de mundo.

Mas, o principal fator complicador dessa resposta é este: a visão de mundo, que tem a técnica como eixo, não é uma visão de mundo, com uma posição potencialmente totalizante?⁵ Mais uma vez, a resposta que supomos para essa pergunta é *sim*. E, essas duas formas afirmativas entram em conflito, pois qualquer análise que conceba a visão de mundo da técnica, como mais uma mera visão de mundo entre as demais, seria externa à própria técnica. Logo, tal posição não poderia ser colocada. Mas, em contrapartida, a visão de mundo da técnica, enquanto hegemônica, afasta-se da estrutura das visões de mundo com uma certa parcialidade dos pontos de vista. A técnica incidiria sobre o mundo com uma leitura única e totalizante: se ela se torna a visão de mundo hegemônica, no sentido totalizador, ela se coloca para além de toda mera perspectiva sobre visão de mundo. Em outras palavras, ela não interpreta o mundo, ela o redimensiona. Redimensiona o mundo como um grande depósito.

A resposta para a pergunta acima, dada de forma imediata, expressa-se descartando uma análise de profundidade, a qual seria necessária se utilizássemos a participação em uma dimensão ontológica, porque o desenvolvimento da leitura ontológica do mundo exige a apresentação sistemática de conceitos e o desenvolvimento das pressuposições. Contudo, desde o princípio do século XX, ou mesmo já ao longo da segunda metade do século XIX, testemunhou-se uma crítica às pretensões sistemáticas da filosofia.

Um dos efeitos da recusa das filosofias sistemáticas foi o surgimento das visões de mundo, como forma livre de expressão da filosofia (e, por isso, se falava no século XIX de livre-pensadores). Trata-se de uma interpretação da filosofia de forma não tradicional. Mas, essa perspectivação, esse relativismo e essa livre-abertura da discussão foram acompanhados pelo forte crescimento das ciências aplicadas, e de modificações científicas, que introduziram profundas alterações no campo econômico, social e político. A outra face desse amplo contexto era a crise da filosofia tradicional, a qual deveria dar uma resposta aos novos acontecimentos; por causa disso, emergiram várias formas conhecidas como neofilosofias.

Contudo, embora a discussão filosófica experimentasse outros rumos, que não aqueles vinculados estritamente ao âmbito acadêmico tradicional, e esses novos rumos pudessem ser compreendidos como a expressão de diferentes visões de mundo, o fato é que a técnica assumiu um papel de eixo e foi determinante. Isto significa que, de alguma forma, todas as visões de mundo tiveram como necessidade posicionar-se sobre a técnica e seus efeitos. E a crescente importância da técnica foi marcante, a partir de aplicações científicas que propiciaram o desenvolvimento industrial e os mercados de consumo.

A colocação do tema da técnica, com suas diversas influências de origem, além de seus efeitos concretamente manifestos, exerce um efeito aglutinador sobre todas as visões de mundo. É por isso que a concebemos como um eixo da análise dessas mesmas visões de mundo, as quais tratam com a técnica de uma forma tangencial. No entanto, esse efeito aglutinador tem uma contrapartida complexificadora, que constitui-se numa espécie de ponto cego da investigação a seu respeito. Esse ponto cego resulta da situação em que, ao se voltar para si mesma, a técnica enfrenta, por sua vez, o tema mesmo do perspectivismo inerente às visões de mundo. Aqui uma saída possível desse enfrentamento é a visão totalizante do que o cerca, e uma outra saída possível é a manutenção da visão em perspectiva (a partir de um ponto específico), permanecendo em um ponto de tensão conceitual. De fato, se a técnica concebe a si mesma como mais uma visão de mundo entre as demais, ela deve dar conta de conceitos que são comuns a outras visões de mundo, como, por exemplo; o de posição ou ponto de partida; o de perspectiva, entre outras já existentes; o de mundo, além da apropriação dos seus próprios conceitos internos, por parte de outras visões de mundo não técnicas. É preciso decidir a direção que assumirá tal e tal abordagem, devido ao conjunto complexo de elementos conceituais e raciocínios envolvidos. A nossa decisão opta pela seguinte direção: a técnica é *sim* mais uma visão de mundo entre as demais. A forma como ele (mundo) mesmo trata as demais visões de mundo é ainda circunstancialmente desenvolvida; no entanto, um substrato comum deve ser destacado: o mundo.

Mas, conforme mencionamos mais acima, através de Heidegger podemos compreender a forma como a técnica concebe o que a cerca, isto é o mundo. O mundo para a técnica é enfocado enquanto subsistência.



Isso significa o mundo como uma reserva de armazenamento, ou, em outras palavras, simplesmente como depósito, um vasto depósito de reserva de recursos (sejam eles energéticos ou outros), o qual deve ser providenciado por meio de uma provocação da natureza.

O quanto essa visão de mundo como depósito influi na própria técnica? Em outras palavras, a ideia mesma de “depósito” significaria um conceito que esvazia conceitualmente a investigação. Nesse sentido, o âmbito do mundo como depósito seria o âmbito da abertura da técnica para o seu peculiar descobrimento? Isso faz com que a técnica, enquanto visão de mundo, não se conceba a si mesma como uma visão de mundo, pois ela se pretende totalizante. E, em sua pretensão de uma leitura total do que há, tudo se transforma em algo depositável, armazenável, inclusive, fechando a via de sua própria condição de arrematadora. Essas são perguntas auxiliares na presente investigação.

Ao indagar sobre a técnica e as visões de mundo, há uma reabertura da técnica como o que dá forma a uma visão de mundo e, assim, a recolocação de um aprofundamento, diferente do âmbito da provocação e do depósito. A relevância de nosso artigo é reconstituir esse questionamento da técnica, tomando como guia a sua relação com o mundo, por meio do tema das visões de mundo e do papel do homem, reinaugurando, talvez, uma abertura possível, latente.

O primeiro passo é, então, investigar os principais delineamentos do mundo, visto como uma totalidade por meio das visões de mundo. Trata-se de preparar, com essa análise inicial, um modo de conceber (ou ver) o mundo, também como uma totalidade de recursos a serem armazenados. Finalmente, o segundo passo aprofunda a análise da técnica, em uma interface com o tema das visões de mundo e o papel desempenhado pelo homem enquanto postura. Essa segunda parte tem por base três conferências: *A época da imagem de mundo, A questão da técnica e Serenidade (Gelassenheit)*.

I

Enquanto conceito, a consideração sobre o que é a visão de mundo tem características importantes. Essas características devem ser previamente apresentadas, antes que possamos encetar um aprofundamento sobre uma ou outra visão de mundo em particular. Alguns elementos são indispensáveis no registro correto dessas características: o homem e a sua respectiva condição de ser-no-mundo e, além disso, o mundo compreendido como um espaço de jogo, onde o próprio homem está como tema constante nas diversas visões de mundo.

O período das visões de mundo se estabelece num hiato entre as críticas às filosofias de sistema, como as críticas realizadas por Nietzsche e Kierkegaard, e as próprias filosofias contemporâneas no prosseguimento do século XX, sejam estas filosofias apresentadas sob a forma analítico-linguística ou sob a forma fenomenológica, a exemplo de Husserl e Heidegger. Não obstante existam diferenças entre essas formas, uma semelhança deve ser destacada: a necessidade de uma explicitação do mundo e do papel do homem diante do mundo, em contraponto à proliferação das visões de mundo. É neste hiato, entre as críticas às filosofias sistemáticas do passado e as novas proposições do século XX, que encontramos algumas atitudes que se assemelham. Nessa semelhança se enquadra a observação de Wittgenstein, feita no *Tractatus*, de que o que não se pode falar deve-se calar. E, também o enfrentamento feito por Heidegger, mostrando uma complexidade subjacente ao tema, a qual não era apenas lógico-linguística, mas existencial.

A proliferação de *visões de mundo*, durante as duas primeiras décadas do século XX, centrou o foco na reflexão intelectual sobre o homem ou sobre a vida (na forma de um forte vitalismo).⁶ Iniciam-se, com isso, um perspectivismo e um relativismo que buscam ocupar o espaço dos sistemas metafísicos anteriores. Mas, trata-se de uma ocupação a-sistemática, fragmentária e relativística, mantendo pouco clara a sua base temática principal: o mundo. É nesse ponto que a contribuição de Heidegger pode ser considerada também um elemento decisivo que esclarece importantes diferenças entre visão de mundo e filosofia. Isso pode ser apresentado introdutoriamente através de Stein, que enfatiza a importância do conceito de mundo em uma época conturbada:

Em tudo isso, Heidegger dera um passo a mais que todos os seus contemporâneos: se há o limite para os problemas filosóficos na direção de uma ontoteologia metafísica que todos reconhecem, há também o limite na direção de uma solução metafísico-naturalista. Os problemas que a filosofia deve resolver, e que

são genuinamente filosóficos, não são questões de conteúdo, mas se caracterizam como ocupando o espaço que é configurado pelo conceito de mundo em que se dá, e a partir do qual se define, qualquer possibilidade de significância. *Mundo* é a estrutura prévia de sentido sempre pressuposta onde falamos de enunciados verdadeiros e falsos, sendo que dele mesmo nada se pode predicar que seja verdadeiro ou falso. (STEIN, 2008, p. 44, grifos do autor).

Destacamos na citação acima que, segundo Stein, Heidegger apresenta uma posição distinta frente aos demais filósofos da sua época e, também, que tal posição distinta pode ser compreendida através do importante conceito de *mundo*. Esses pontos surgirão no confronto de Heidegger com as visões de mundo, quando o filósofo analisa as características fundamentais de toda visão de mundo. Assim, em tal confronto, está presente o tema *mundo*, na medida em que o homem é, desde já, ser-no-mundo. *Ser-no-mundo* é uma condição fundamental do ente ser-aí. Isto significa que o filósofo utiliza os seus principais conceitos da época,⁷ em sua abordagem das visões de mundo. Essa aproximação pode ser vista no curso de 1928, *Introdução à filosofia*:

A “intuição” de algo busca expressar a posse imediata de algo na totalidade; uma tal posse como um ideal almejado inclui em si a orientação pelo não-ter, pelo não-possuir. Visão de mundo significa no fundo ter-o-mundo, possuí-lo, isto é, manter-se no ser-no-mundo, o que implica ser desprovido da ausência de apoio. No entanto, essa ausência mesma dá a indicação para tomar posse dessa visão de mundo. Na expressão “visão de mundo” precisamos notar, entre outras coisas, que o ser-no-mundo pertence e se dedica ao ser-aí. Visão de mundo como ter-o-mundo mostra-se de fato como o ser-no-mundo assimilado de uma maneira ou de outra. Estritamente falando, não podemos dizer por isso: o ser-aí tem uma visão de mundo. Ao contrário, é preciso dizer: ele é visão de mundo, e, com efeito, necessariamente. (HEIDEGGER, 2008, p. 369)

A palavra portuguesa *intuição*, que inicia a citação supra, é uma das possibilidades de tradução da palavra alemã *Anschauung*. Uma outra possibilidade de tradução é: *visão*. *Anschauung* pertence à expressão composta *Weltsanschauung*, a qual traduziremos neste artigo por *visão de mundo*. Assim, compreendemos, que, no início da citação acima, Heidegger menciona a *intuição* (ou *visão*) como o que está vinculado à totalidade, ou seja, *visão* é algo que se busca para dar conta da totalidade. Essa preocupação com a totalidade é também uma característica originária da filosofia. Finalmente, nessa passagem, percebe-se a vinculação estrita entre ser-aí, ser-no-mundo e uma complexa relação entre ser-aí e visão de mundo, pois o ser-aí é *visão de mundo*, e, com efeito, necessariamente (conforme a citação acima).

Depois de fazer essa aproximação do tema das visões de mundo com dois elementos importantes da sua própria filosofia, a saber, ser-aí e ser-no-mundo, Heidegger problematiza:

[...]a relação interna entre visão de mundo como postura e filosofar ainda é completamente problemática. Precisamos evitar a tendência de querer encontrar aqui uma solução demasiadamente fácil.

[...]De maneira correspondente, como se encontram as coisas agora no que concerne à relação entre visão de mundo e filosofia? Visão de mundo é aquilo que deve servir como critério normativo para a filosofia? Será que a filosofia é uma visão de mundo, ou será que é essa visão de mundo que pressupõe, ao contrário, a filosofia? (HEIDEGGER, 2008, p. 405)

A problematização visa as relações (internas) entre filosofia e visão de mundo. Na passagem, destacamos a expressão: *critério normativo*. Heidegger busca analisar uma possível precedência seja da filosofia seja da visão de mundo: “visão de mundo é aquilo que deve servir como critério normativo para a filosofia?” Essa noção de normatividade, da qual uma ou outra pode se arrogar, serve como instrumento para esclarecer o que está implícito entre filosofia e visão de mundo. A elucidação do implícito está na resposta final de Heidegger às indagações colocadas acima. Respostas essas que serão apresentadas mais abaixo.

Antes de apresentar essa resposta, lembremos que a técnica contemporânea apresenta uma dupla vinculação: (a) com o homem (no caso, segundo Heidegger, com o ser-aí), e (b) com a pretensão de normatividade, pois a técnica visa a totalidade do que é, ao buscar sempre a subsistência. Se técnica apresenta essas duas características, então também ela pode ser considerada uma visão de mundo, que estará então subsumida na resposta geral ao questionamento da “relação interna entre visão de mundo como postura e filosofar”, sobre a qual Heidegger afirma que “é ainda completamente problemática” (ver citação acima). Portanto, devemos ficar atentos sobre como se resolve essa problemática para, a partir da



resolução ou resposta, compreender a relação entre técnica e visão de mundo.

A resposta de Heidegger, em sua análise no texto de *Introdução à filosofia*, tem uma preparação que coloca a existência de um espaço entre filosofia e visões de mundo. Esse espaço se constitui de um caráter fundamental. Ao afirmá-lo, o filósofo acrescenta um novo dado, pois, implicitamente, revela que *filosofia* é também uma visão de mundo. Vejamos:

O filosofar não é uma visão de mundo como postura entre outras, mas é a postura Fundamental pura e simplesmente. Somente no deixar acontecer expressamente a transcendência, somente na irrupção de sua amplitude interna e originariedade abrem-se as possibilidades concretas da postura. Todavia, essas possibilidades concretas não são determinadas por meio da filosofia, mas sim a partir do próprio ser-aí em questão. (HEIDEGGER, 2008, p. 425)

Pode ser destacado nesse trecho de preparação que: (a) reconhece-se que o filosofar é uma visão de mundo; (b) as visões de mundo são posturas; (c) dentre as visões de mundo o filosofar não é uma simples postura, mas a *postura fundamental*.

Uma explicação da fundamentalidade do filosofar, enquanto visão de mundo, é encaminhada mediante o tema da transcendência. A *transcendência* é uma condição fundamental do ser-aí. Mas, para o escopo do artigo,⁸ apenas é importante destacar que, em toda visão de mundo (designada na citação sob a expressão: *posturas concretas*), está vinculado o ser-aí, que é posto em questão. Repetimos esse trecho: “todavia, essas possibilidades concretas não são determinadas por meio da filosofia, mas sim a partir do próprio ser-aí em questão.” Desta maneira, a técnica, enquanto ocupada com a totalidade, e enquanto visão de mundo, coloca em questão o ser-aí, que é o homem. Isto está inclusive no referido texto *Pergunta pela técnica*, sob a forma do *Ge-stell* (que traduzimos por *armação*). A relação principal da armação com o que o cerca, o homem, o meio ambiente ou, enfim, o mundo é a provocação. Mas, para isso, a técnica convoca o homem, também o provocando.

Contudo, encontramos ainda outros elementos, na continuidade da resposta de Heidegger exposta abaixo:

Justamente porque o filosofar como transcender expresso é, contudo, postura fundamental, não é a sua essência e a sua tarefa construir uma determinada postura a fim de proclamá-la como normativa ou mesmo a fim de supostamente inculcá-la nas outras visões de mundo. Quanto mais puramente ela compreende a si mesma, quanto mais puramente o que está em questão para ela é apenas deixar acontecer a transcendência a partir de seu fundamento, tanto mais pura e imediatamente está ela em condições de satisfazer o que só ela pode ser, considerando-se a formação fática da visão de mundo, e tanto mais pura e imediatamente pode ela fornecer a cada homem faticamente existente a ocasião para que irrompa nele as possibilidades de uma postura. Quanto mais originariamente a filosofia filosofa, ou seja, quanto mais originariamente ela é um deixar acontecer a transcendência [...] (HEIDEGGER, 2008, p. 425).

O filosofar, segundo Heidegger, não possui como tarefa construir uma normatividade. Essa normatividade é uma necessidade das visões de mundo em geral, mas não da específica visão de mundo fundamental que é o filosofar. Por quê? Porque o filosofar se coloca como uma base, a partir da qual surgem outras visões de mundo, essas sim, com pretensões normativas.

A postura do filosofar alcança esse caráter de base fundamental por seu “deixar acontecer” as demais visões de mundo. O filosofar somente pode “deixar acontecer” devido à transcendência do fundamento. Se o fundamento é transcendido, então acontece, de novo e de novo, uma postura concreta sob a forma de uma visão de mundo. Nesse sentido, a técnica e a sua posição, a mesma que acontece com uma normatividade sobre o que deve ser feito, é sim uma visão de mundo com as suas decorrências: o armazenamento, o depósito.

Mas, como ocorre isso? Depende mais uma vez do homem, pois é nele que irrompe “as possibilidades de uma postura”. Portanto, o quadro completo da técnica enquanto visão de mundo e a decorrência do mundo como depósito, depende de um aprofundamento sobre o papel desempenhado pelo homem, o que será feito no próximo item.

II

Vamos acompanhar a abordagem de Heidegger, a partir de três textos: os dois iniciais colocam o questionamento diretamente e o último apresenta uma resposta direta ao problema da dominação técnica e do homem no mundo técnico. Os textos mais instigadores que apresentam o questionamento são: *A época da imagem de mundo*, conferência pronunciada em 1938 e *A questão da técnica*, conferência pronunciada em 1953. E, o texto que pode ser considerado uma resposta mais pontual ao problema da técnica é: *A serenidade*, palestra pronunciada por Heidegger em 1955.

Heidegger investiga a técnica a partir de sua preocupação em compreender a sua própria época, dentro de um desdobramento ontológico e histórico (vinculado à historicidade – *Geschitlichkeit*). Assim, a conferência: *A época da imagem de mundo* está sob influência da principal meditação heideggeriana da época de 1936-1938, que remete a uma reflexão sobre o evento do Ser e o acontecimento-apropriação, que é um tema do volume *Contribuições à filosofia*;⁹ mas nossa abordagem será referente aos conteúdos da própria conferência, não se detendo, nesse caso, em sua gênese. Esse trabalho sobre a gênese a partir do *Beiträge* será feito em outro artigo.

O conturbado contexto intelectual da passagem do século XIX ao XX fez com que o homem se tornasse cada vez mais o centro originário dos questionamentos e, também, o ponto de partida das respostas alcançadas. Trata-se de uma valorização crescente da sua subjetividade e da egoicidade do humano. Nesse sentido, Heidegger mapeia um percurso, desde o evento da subjetividade moderna até a imagem realizada pelo homem contemporâneo, como “senhor do mundo”. Mas, o desenvolvimento desse percurso se torna explícito com o concurso do desenvolvimento técnico.

Na conferência de 1938, sobre a imagem de mundo, Heidegger mapeia o percurso geral da seguinte forma:

As Meditationes de prima philosophia oferecem o esboço para a ontologia do *subjectum* desde a perspectiva da subjetividade determinada como *conscientia*. O homem tornou-se *subjectum*. Por isso ele pode, de acordo como a si mesmo compreende e quer, determinar e completar a essência da subjetividade. O homem como ser de razão da época do esclarecimento não é menos sujeito do que o homem que se compreende como nação, como povo, como raça, se cria e finalmente se autoriza como senhor do globo terrestre. Uma vez que o homem sempre permanece determinado como eu e tu, como nós e eles, em todas essas posições fundamentais da subjetividade, então também é possível urna diferente maneira de egoidade e de egoísmo. O egoísmo subjetivo, para o qual, sem que geralmente o saiba, o eu é determinado previamente como sujeito, pode ser destruído pelo alinhamento do referimento ao eu no nós. Com isso a subjetividade adquire ainda mais poder. (HEIDEGGER, 2005, p. 230)

Para esse homem como “senhor do mundo” é necessária uma contrapartida da técnica enquanto forma concreta de dominação. Essa é a imagem inicial e ilusória que o homem faz de si mesmo, pois a sua relação com a técnica é mais complexa. A sua relação com a técnica não é meramente instrumental (meios e fins), mas se vincula a um determinado destino histórico. Esse destino histórico começa com a filosofia ocidental e se torna explícito na filosofia moderna, quando a teoria matemática da natureza encontrou, finalmente, a sua expressão concreta através da tecnologia.

Portanto, na sua dominação sobre a totalidade dos entes, a técnica é o resultado de um destino histórico da filosofia ocidental. O concurso da técnica e extrema valorização da subjetividade, da egoidade, são duas faces do mesmo processo:

No imperialismo planetário do homem tecnicamente organizado, a subjetividade do homem alcança o seu ponto mais alto, a partir do qual irá instalar-se e se organizar na planície da uniformidade organizada. Essa uniformidade será o instrumento mais seguro do pleno, ou seja, técnico domínio sobre a Terra. A liberdade moderna da subjetividade ajusta-se completamente com a objetividade que lhe é conforme. O homem não pode abandonar a partir de si esse destino da sua essência moderna, ou, quebrá-lo por uma decisão autoritária. Ele pode, no entanto, meditar previamente sobre o fato de que o ser sujeito da humanidade não foi a única possibilidade da iniciante essência do homem histórico, nem jamais o será. (HEIDEGGER, 2005, p. 230)



O ajuste perfeito entre a *liberdade moderna* e a *objetividade* dá ao homem um protagonismo. Não há dominação técnica sem o humano, e não há ilusão de dominação sem o humano. O homem, em seu papel de egoicidade protagonista, torna-se uma das peças da engrenagem dessa visão de mundo que domina as demais. Heidegger aprofunda essa direção com as seguintes palavras:

O enraizar-se cada vez mais exclusivo da interpretação do mundo na Antropologia, que se inicia ao final do século XVIII, encontra a sua expressão no fato de que a posição fundamental do homem diante do ente no seu todo determinar-se como visão de mundo. Desde aquele tempo essa palavra chega ao uso lingüístico. Logo que o mundo torna-se imagem, a posição do homem compreende-se como visão de mundo. Na verdade a expressão visão de mundo sugere o mal-entendido de que se trata apenas de uma contemplação inativa do mundo. Por isso, já no século XIX, com razão tem-se acentuado que visão de mundo significa também e até antes de tudo visão da vida. O fato de que, mesmo assim, a expressão visão de mundo como nome para a posição do homem em meio ao ente se afirme, dá a prova de como o mundo, decididamente, tornou-se imagem, logo que o homem postou sua vida enquanto *subjectum* na posição preferencial de centro de referência. Isso significa: o ente apenas vale como entitativo à medida que e enquanto ele é integrado nessa vida e com ela relacionado, isto é, como vivido e tornado em vivência. (HEIDEGGER, 2005, p. 211)

A principal contribuição do texto *A época da imagem do mundo* para o nosso artigo é a relação entre a filosofia ocidental, em particular a filosofia moderna, a ciência e a técnica, como contraface da dominação sobre o todo dos entes. E, também, nisso está o papel do humano, que reduz tudo à sua egoicidade, fornecendo o elemento potencialmente ilusório de dominação dos entes, sob a expressão “senhor do mundo”. Esses elementos introduzem os questionamentos sobre como reverter, ou lidar, com o processo imagético científico-filosófico, posto em curso pela civilização ocidental. Um outro questionamento que se põe é: como reverter, ou lidar, com o processo ilusório humano de dominação planetária? Para consolidar esses questionamentos, vamos abordar o texto *A questão da técnica*.

Um modo de vincular os dois textos: *A época de imagem do mundo* de 1938 e *A questão da técnica*, de 1953, é por intermédio do tema da dominação, com a qual o homem está comprometido. O comprometimento do homem se traduz em uma ilusão, que é dupla: o homem possui a ilusão de dominar a técnica e possui a ilusão de dominar a totalidade dos entes, a partir da técnica. Mas, a dominação exercida com a técnica depende da essência da técnica: da *armação* (*Ge-stell*). O homem participa dessa *armação*, que está inscrita em seu destino histórico e no destino da filosofia. Por isso a essência da técnica deve ser pensada. Ao se iludir duplamente em relação à técnica, o homem manifesta uma visão de mundo totalizante, transformando o mundo em um conjunto de recursos a serem disponibilizados. Essa dupla ilusão, que esconde implicitamente uma visão de mundo totalizante, se expressa na tentativa de ser “senhor do mundo”. Heidegger apresenta esses elementos com as seguintes palavras do texto *A questão da técnica*:

[...] este homem ameaçado se arroga como a figura do dominador da terra. Desse modo, amplia-se a ilusão de que tudo o que vem ao encontro subsiste somente na medida em que algo é feito pelo homem. Esta ilusão torna madura uma última aparência enganadora. Segundo esta aparência, parece que o homem em todos os lugares somente encontra mais a si mesmo. [...]. O homem está tão decididamente preso à comitiva [sequência] do desafiar da armação que não assume uma responsabilidade, não mais dá conta de ser ele mesmo alguém solicitado e, assim também, não atende de modo algum ao fato de que, a partir de sua essência ele ek-siste no âmbito de um apelo e que, por isso *nunca pode* ir somente ao encontro de si mesmo. (HEIDEGGER, 1997, p.79, grifo do autor)

O homem é “ameaçado”, porque ele mesmo pode se tornar subsistência, isto é, mais um elemento do depósito em um mundo visto como depósito. Isto de alguma forma se apresenta atualmente na expressão *recursos humanos*, ou *capital de conhecimento*. Mas, essa ameaça a respeito do humano possui como chave principal a concepção de perigo (*Gefahr*). A partir dessa chave, podemos desdobrar reversivamente os conceitos centrais do seu texto.

Para uma leitura reversa do texto da conferência, uma definição do perigo é necessária. A partir dessa definição, que apresenta claramente o papel desempenhado pelo homem, podemos encaminhar para um esclarecimento do que é *armação*. Heidegger expõe claramente o que é o perigo nesta passagem:

O perigo se enuncia a partir de duas direções. Tão logo o que estiver descoberto não mais interessar ao homem como objeto, mas exclusivamente como subsistência, e o homem no seio da falta de objeto apenas

for aquele que requer a subsistência – o homem caminhará na margem mais externa do precipício, a saber, caminhará para o lugar onde ele mesmo deverá apenas mais ser tomado como subsistência. (HEIDEGGER, 1997, p. 77-79)

O homem está tão próximo do perigo, porque a própria essência da técnica, que é a armação, não é algo técnico, embora se manifeste de forma concreta e técnica. A armação é uma união entre o homem e a técnica¹⁰ enquanto destino. Nesse sentido, é importante para o homem pensar o seu próprio destino a partir de seu caráter mais próprio, para que possa fazer frente ao destino que representa a técnica. Nesse ponto, o homem pode se perder. Caso ele se perca, através da errância, ele concretizará cada vez mais o perigo da armação. Como a técnica tem como função o desabrigar,¹¹ a união com o homem, sob a forma da armação, representa um risco para o desabrigar originário da verdade por parte do humano. Heidegger expõe isso nestas duas passagens:

A armação impede o aparecer e imperar da verdade. O destino, que no requerer manda, é assim, o extremo perigo. A técnica não é o que há de perigoso. Não existe uma técnica demoníaca, pelo contrário, existe o mistério da sua essência. A essência da técnica, enquanto um destino do desabrigar é o perigo. [...]. A ameaça aos homens¹² não vem primeiramente das máquinas e aparelhos da técnica cujo efeito pode causar a morte. A autêntica ameaça já atacou o homem em sua essência. O domínio da armação ameaça com a possibilidade de que a entrada num desabrigar mais originário possa estar impedida de perceber o apelo de uma verdade mais originária. (HEIDEGGER, 1997, p.79-81)

Nestas passagens sobre “A questão da técnica”, percebe-se a importância do homem no que diz respeito ao destino e à dominação exercida pela técnica. Caso o homem não modifique a sua postura, e permaneça na visão (-ilusão) de mundo da técnica planetária, então, ele mesmo pode perder sua dimensão de abertura para a verdade do Ser. Como o homem poderia modificar a sua postura? Ainda no texto “A questão da técnica”, Heidegger aponta a poesia e arte como um caminho. Mas, em texto posterior de 1955, como um desdobramento desse tema, uma outra resposta possível, favorável a uma mudança de postura do homem, é aventada. Trata-se da palestra sobre a Serenidade.

A palestra *Gelassenheit*, ou Serenidade, foi pronunciada na terra natal de Heidegger em 1955. Ela se apresenta, no conjunto das obras completas de Heidegger, como posterior aos textos aqui abordados. Mesmo sendo uma palestra em homenagem ao compositor Conradin Kreutzer, ela possui um desenvolvimento que abarca a preocupação com o homem e com a técnica, conforme podemos constatar na seguinte passagem:

Contudo, o que é propriamente inquietante, não é isso, que o mundo se torne, para alguém, algo completamente técnico. Muito mais inquietante é que o homem não esteja preparado para esta transformação do mundo, é que nós ainda não podemos, meditativamente pensando em uma discussão apropriada, lidar com isto que, nessa era, está propriamente a surgir. (HEIDEGGER, 1960, p. 22)

Uma nova postura que o homem pode ter frente à técnica, a qual significaria também uma preparação frente a *transformação do mundo* é a *serenidade*. Diferentemente do texto de 1953, em “A questão da técnica”, Heidegger aponta um caminho alternativo. A sua exposição sobre o que é a serenidade é dada com estas palavras:

Se, contudo, dissermos desta maneira, ao mesmo tempo “sim” e “não” aos objetos técnicos, não se tornará a nossa relação com o mundo técnico discrepante e insegura? Bem ao contrário. A nossa relação com o mundo técnico se torna de um modo estranho, simples e tranqüila. Nós deixamos os objetos técnicos entrar no nosso mundo diário e ao mesmo tempo os deixamos fora, isto é, os deixamos em si mesmos enquanto coisas, as quais não são algo de absoluto, mas elas mesmas continuam dependentes de algo superior. Gostaria de denominar esta atitude do sim e do não, simultâneos em relação ao mundo técnico, com uma palavra antiga: a *serenidade frente às coisas*. (HEIDEGGER, 1960, p. 25, grifo do autor)

A serenidade seria um modo de ser que permitiria a meditação acerca do destino da técnica e da visão de mundo da dominação técnica. Esta meditação estaria enraizada na existência humana, que a técnica desafia de modo originário, perfazendo o perigo. O perigo do homem é não conseguir mais desabrigar o ente de um modo que não aquele da subsistência.



A contribuição do texto *Serenidade* é uma importante resposta à questão da técnica e da sua essência enquanto armação, à qual o homem é provocado. Essa resposta, ao radicar-se em uma nova postura humana do sim e do não simultâneos, contribui para evitar a visão de mundo hegemônica da técnica. Trata-se de um contraponto à dominação técnica, em que o próprio mundo, e também nele o homem, são vistos como elementos da subsistência, em uma perspectiva de depósito de armazenamento.

A partir do comentário destes três textos - *A época da imagem do mundo*, *A questão da técnica* e *Serenidade* - podemos agora expor nossas conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa investigação teve como objetivo responder a seguinte questão: o mundo, tomado como subsistência, é ele próprio o resultado de uma visão de mundo? Para alcançar uma resposta realizamos inicialmente uma apresentação do tema das visões de mundo, destacando a sua relação com a filosofia.

Nessa primeira parte concluímos que a filosofia e as visões de mundo (sem entrar na particularidade de cada uma delas, mas apenas considerando-as conceitualmente) são posturas do ser humano. Mas, enquanto posturas, elas se diferem. A filosofia, enquanto postura, possui uma base fundamental que serve para “deixar acontecer” outras tantas posturas. Entre estas “outras posturas”, encontram-se as visões de mundo¹³.

Contudo, a técnica, enquanto postura, pode ser considerada uma visão de mundo, mas com efeitos complexos bem agravantes. A técnica, em seu processo de dominação planetário, se propõe como uma postura totalizante que, não só concebe o mundo como fonte de recursos, mas também atinge a postura fundamental do filosofar, estabelecendo assim um conflito com a característica originária do homem. Por isso, há uma ênfase no papel desempenhado pelo homem na segunda parte do artigo.

A segunda parte contribui para a resposta final através da análise de três textos: (a) a conferência de 1938 vincula a técnica ao plano das visões de mundo, mostrando principalmente a historicidade subjacente ao processo de dominação, levado a efeito pela técnica. Nesse sentido, o texto mostra a importância da relação entre filosofia moderna e ciência, com uma ênfase ao processo de subjetivação e egoicidade sempre crescentes. Através da egoicidade entende-se a ilusão humana de alçar-se como “senhor do mundo”; (b) uma forma de esclarecer o processo que subjaz a essa ilusão é mostrada em várias citações do texto *A questão da técnica*. Nessa conferência, destaca-se a essência da técnica como armação (*Ge-stell*) e a participação do homem. Menciona-se o perigo de o homem não conseguir encontrar o âmbito originário do descobrimento dos entes, por causa do requerer da técnica em vista da subsistência; (c) é preciso encontrar uma alternativa que possibilite pensar a técnica nos dias atuais. Em vista disso, a segunda parte analisou a conferência *Serenidade*, em que a alternativa surge como uma postura humana de um sim e um não, simultâneos à técnica, gerando uma ambiguidade e uma possibilidade para pensá-la.

Diante desse quadro, a resposta para a nossa pergunta “o mundo, tomado como subsistência, é ele próprio o resultado de uma visão de mundo?” é afirmativa. Mas, destacamos que, por trás dessa subsistência, está uma visão de mundo totalizante (não relativizadora), e um redimensionamento do que possa ser o próprio mundo. Por mais que a técnica vise a subsistência, através da transformação do mundo em um depósito de matérias-primas, o importante é que o ser humano está sempre participando desse processo. Um convite à reflexão da postura humana nesse processo é a principal contribuição que se deixa neste artigo.

NOTAS

1. O constructo filosófico “mundo” utilizado por Heidegger possui diferentes acepções. Destacam-se essas acepções, conforme a obra enfocada: (a) em *Ser e tempo*, o mundo é visto de forma estrutural através da ontologia do ser-aí; na conferência *A essência do fundamento*, o mundo é analisado sob um viés histórico; no livro *Conceitos fundamentais da metafísica* de 1929/30, o mundo é tematizado em uma análise comparativa. Finalmente em *Introdução à filosofia*, o mundo se vincula à postura fundamental do ser-aí no modo de ser da filosofia, a qual se diferencia das outras visões de mundo.

2. A análise de Mannheim se detém sobre as dificuldades da democracia perante a ascensão do totalitarismo. Dessa forma,



Mannheim menciona o uso de “técnicas sociais”, as quais são compreendidas assim: “utilizo a expressão ‘técnicas sociais’ para me referir a todos os métodos que influem no comportamento humano para que este se encaixe nos padrões de interação e organização social existentes” (MANNHEIM, 1972, p. 24). O resultado é que, nos regimes totalitários, há um uso extensivo e intensivo dessas técnicas e, também, da propaganda. Dessa forma, o domínio totalitário, “não somente substitui os métodos de discussão política pela propaganda organizada, como também transforma a educação e todas as relações humanas em departamentos de propaganda” (MANNHEIM, 1972, p. 46). Assim, nós podemos interpretar que há uma visão de mundo absolutizada perante as demais.

3. A técnica instaura uma nova forma de descobrimento do ente, segundo o qual, conforme Heidegger: “[...] o descobrimento mesmo, no seio do qual o requerer se desdobra, nunca é feito pelo homem, muito menos o âmbito que o homem a toda hora sempre percorre, quando, enquanto sujeito se relaciona com um objeto.” (HEIDEGGER, 1997, p. 63).

4. A vinculação entre as “concepções filosóficas” e técnica (seja esse envolvimento explícito ou implícito) podem ser compreendida através da tese heideggeriana de que a filosofia, desde Platão até Nietzsche, alcançou a sua consumação com o advento da técnica moderna e o surgimento do homem planetário.

5. Compreendemos aqui que uma posição “relativizada” seria aquela que é inerente a toda visão de mundo. O que está em jogo é o seguinte: se tal visão de mundo, concebida pela técnica, considera a si mesma como mais uma das visões de mundo entre as demais, portanto relativa a um determinado ponto de vista sobre o mundo, isso é discutível.

6. Cfe. “É nesse momento que, nos anos 20, aparece Heidegger com a seguinte frase: *Não mais vida, mas Dasein*. Ele, no entanto, não quer desfazer todas as conquistas anteriores, mas também não quer consagrar o conceito que estava escondido no vitalismo e que estava presente em todos eles (em Nietzsche, muito fortemente, e em Dilthey, muito mais nitidamente, já com um viés de saída). Vida, portanto, foi substituída por *Dasein*. Trocar vida por *Dasein*, todavia, poderia ser uma troca sem sentido, se fossem tomados simplesmente como sinônimos. O que estava escondido na ideia heideggeriana de *Dasein*, num primeiro momento, não era ainda o elemento analítico da existência do *Dasein*. O que estava em questão era uma tentativa de libertar a Filosofia de qualquer possível recaída num fato de natureza, quando se falasse sobre o ser humano. *Dasein*, então, opõe-se ao conceito de natureza.” (STEIN, 2011, p. 56).

7. Com a expressão “naquela época” queremos nos referir aqui à fase filosófica de Heidegger antes da *Kehre* (viravolta) ocorrida entre 1929-1930.

8. Uma exposição sobre a transcendência pode ser encontrada em SOUZA JÚNIOR, 2012, p.137-153.

9. O tema do acontecimento-apropriação é confrontado com o mundo técnico no texto de 1957: *O princípio da identidade* (Cf. HEIDEGGER, 1991, p.143-147). Mas, outros temas estão presentes nessa conferência de 1957, de modo que nos centralizamos mais nos textos que tratam, principalmente, da dominação do mundo e, também, do homem pela técnica.

10. Cf. “Denominamos agora aquela invocação desafiadora que reúne o homem a requerer o que se descobre enquanto subsistência de *armação*” (HEIDEGGER, 1997, p. 65, grifo do autor).

11. Cf. “[...] a armação desafiadora encobre não somente um modo de desabrigar anterior, o produzir, mas encobre o desabrigar enquanto tal e, com ele, aquilo por onde acontece o descobrimento, isto é, a verdade” (HEIDEGGER, 1997, p.79).

12. Alteramos ligeiramente a tradução: “Die Bedrohung des Menschem”, de “A ameaça dos homens” por “A ameaça aos homens”.

13. Por isso a citação feita acima, que remete a Heidegger, na *Introdução à filosofia*, onde ele afirma a respeito das relações entre filosofia e visões de mundo: “não é a sua essência e a sua tarefa construir uma determinada postura a fim de proclamá-la como normativa ou mesmo a fim de supostamente inculcá-la nas outras visões de mundo. Quanto mais puramente ela compreende a si mesma, quanto mais puramente o que está em questão para ela é apenas deixar acontecer a transcendência a partir de seu fundamento, tanto mais pura e imediatamente está ela em condições de satisfazer o que só ela pode ser” (HEIDEGGER, 2008, p.245).



REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. 2005. A época da imagem do mundo. In: SCHNEIDER, P. R. *O outro pensar*. Ijuí: Ed. da Unijuí.

_____. 1991. O princípio da identidade. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural.

_____. 1960. *Gelassenheit*. zweite Auflage. Tübingen: Verlag Günther Neske Pfullingen.

_____. 1997. A questão da técnica. *Cadernos de Tradução*, nº. 2, DF/USP.

_____. 2008. *Introdução à filosofia*. São Paulo: M. Fontes.

MANNNHEIM, K. 1972. *Liberdade, poder e planificação democrática*. São Paulo: Mestre Jou.

STEIN, E. 2011. *Pensar e errar: um ajuste com Heidegger*. Ijuí: Ed. da Unijuí.

_____. 2008. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Ed. da Unijuí.

SOUZA JUNIOR, N. 2012. *Transcendência, mundo e liberdade*. In: VEIGA, I. S.; SCHIO, S. M. *Heidegger e sua época 1920-1930*. Porto Alegre: Clarinete.